



Rui Portugal

#prepararparavoltar*

Devem a medicina, a saúde, as autoridades de saúde e os epidemiologistas criar pensamento integrado com as outras ciências para que possamos melhor entender a sociedade que servimos, o futuro dessa sociedade, o futuro de cada um de nós.

9 de Abril de 2020, 14:30

A medicina, a saúde, as autoridades de saúde e os epidemiologistas têm uma visão muito particular sobre os instrumentos que se devem atender para evitar mortes, para capacitar os serviços de saúde, para medir e conhecer tendências sobre epidemias. Estamos todos a trabalhar muito bem para que as curvas sejam mais suaves, criando assim condições para que o sistema de saúde e, neste caso em particular, o Serviço Nacional de Saúde, possa responder melhor e salvar vidas. E vidas são vidas, dos 0 aos 112 anos.

A medicina, a saúde, as autoridades de saúde e os epidemiologistas têm um claro objectivo de evitar a mortalidade pela doença e interromper as cadeias de transmissão da mesma no sentido de reduzir o número de pessoas infectadas na tentativa mesmo de erradicar e, se possível, prevenir no futuro.

Sabemos pouco sobre o vírus, sobre a história natural da doença, do interesse da imunidade adquirida e da vacina, sobre os impactos de um foco mais ou menos incisivo de um combate ao SARS-CoV-2 com implicações sobre todos os outros riscos que permanecem na nossa vida. Quantos já morreram ou irão morrer por atraso nos cuidados de saúde de doenças severas como as cardiovasculares, descompensação de diabetes, de doenças do foro mental ou das doenças oncológicas. E, já agora, quantos acidentes se evitam. Estes também são os heróis do controlo da epidemia. Quantos são objecto de violência das mais diversas formas – familiar, social, laboral – relacionadas com as medidas que estamos a tomar. Estes também são os heróis do controlo da epidemia.

A medicina, a saúde, as autoridades de saúde e os epidemiologistas foram apenas levemente atentos às outras ciências e ao que poderíamos aprender com elas. Lembro as ciências veterinárias, em primeiro lugar, visto que, como esta epidemia, como as anteriores



e como as futuras demonstram, estamos um mundo de uma só saúde em que o bioma deve ser o objecto de conhecimento e de vigilância primordial e de igual forma. Lembro as ciências sociais, para perceber os modelos sobre o comportamento humano e sua previsão para que possamos melhor depreender dentro de possíveis cenários quais as decisões mais acertadas e equilibradas. Lembro as ciências económicas, sobre as quais temos tido uma vasta leitura e descrição. A ética, as ciências da comunicação, as ciência farmacêuticas, as ciências de enfermagem... A medicina, a saúde, as autoridades de saúde e os epidemiologistas foram-se inebriando um pouco com o espaço que foram ocupando e a oportunidade de subir nas agendas, sobretudo as mediáticas. Não é difícil tendo um inimigo desconhecido e um povo cordato, acolhedor, protector da família e genericamente pouco ousado.

Lá virá o dia das avaliações e reflexões. Nesse dia, já com o resultado do jogo sabido, vai ser fácil ir cantando vitórias aqui e ali das decisões tomadas. Claro que aqueles que mais sofrerem irão sempre considerar os resultados como fatalidades ou derrotas – as famílias que viram desaparecer os seus membros, as zangas familiares, as perdas de emprego, os jovens que já não regressarão ao ensino, as empresas que já não vão abrir. Iremos com certeza perceber que o país não é todo igual – uma parte muito significativa dos concelhos do país não têm casos e o confinamento é igual para todos –, ou perceber que estratégias que passem por decisões musculadas mas temporárias na protecção dos mais vulneráveis poderão ter resultados equivalentes sem impactos tão fortes no futuro (nomeadamente a protecção dos mais velhos em termos de confinamento fortemente apoiado). No entanto, outras oportunidades virão e é bom que nos preparemos – uma nova forma de encarar a telescola e o teletrabalho, uma nova forma de encarar o essencial do acessório, novas formas de circular, etc., etc.

Devem a medicina, a saúde, as autoridades de saúde e os epidemiologistas criar pensamento integrado com as outras ciências para que possamos melhor entender a sociedade que servimos, o futuro dessa sociedade, o futuro de cada um de nós, dos que amamos, dos que escolhem viver neste país. É necessário neste momento uma avaliação de risco equilibrada e um discurso que permita aos nossos políticos – governantes ou na oposição – fazerem leituras mais verdadeiras e tomarem as decisões mais certas para garantir que possamos sair mais reforçados e mais preparados para o futuro, também na medicina, na saúde, nas autoridades de saúde e na epidemiologia.

Devem a medicina, a saúde, as autoridades de saúde e os epidemiologistas, por terem responsabilidades e por serem os mais ouvidos, tomar a iniciativa de preparar um novo Portugal.

**Dedicado a Catarina Senna, subdirectora-geral da Saúde, pessoa e profissional admirável*

Médico Saúde Pública – Delegado de Saúde em Lisboa. Docente Instituto Saúde Pública e Medicina Preventiva da Universidade de Lisboa